

Director-Proprietário e Editor  
Ferreira da Silva  
Redacção, administração,  
composição e impressão  
Rua de Alportel, 23 27  
SEMANARIO INDEPENDENTE  
NUMERO AVULSO 30 CENTAVOS

# O ALGARVE

9 a

## A REVOLUÇÃO EM FARO

**A organisação revolucionaria. O comité dirigente**

O princípio do movimento. Na estação do caminho de ferro. A chegada do comboio correio. A marinhagem e a guarda republicana. A ida do comité para bordo da «Bengo». A tomada da metralhadora na estação do caminho de ferro. Para o quartel general dos revoltosos. A chegada do comboio com os revolucionários de Vila Real e Tavira. O parlamentario. O bombardeamento. O combate nocturno. A valentia dos defensores. A fuga dos chefes e a debandada dos soldados. A fuga da canhoneira. Notas

### Um verdadeiro crime

E' ainda sob uma impressão fundamentalmente dolorosa que temos de relatar os acontecimentos excepcionais que perturbaram a secular tradição pacífica da nossa tão tranquila cidade. Quantas vezes ao ouvir ou ler as sangrentas descrições das revoltas que o país ha dez ou doze anos para cá vem sofrendo muitos farenses regozijando-se, pensavam e disiam: «Estes horrores e estas vergonhas não chegam cá».

Esta é uma terra onde não ha ambiente revolucionario. Todos nos conhecemos e todos nos respeitamos o suficiente para que não elevemos a nossa divergência de opinião politica à categoria do ódio obsecante e vingativo.

E' por isso que os acontecimentos da noite de sexta feira passada tem uma excepcional importância e uma também excepcional significação. O que se fez foi um verdadeiro crime. Pôr um navio durante horas a bombardear uma cidade inícieza, uma cidade de excepcional pacatez, uma cidade acolhedora, amavel e tranquila que nenhum motivo dera para semelhante castigo, foi uma acto odioso, uma ação verdadeiramente infame!

Temos que assim exprimir a indignação de uma população intacta que precisa não estar sujeita à repetição destas intoleráveis façanhas. Dissemos-lo porque em face da brutalidade estupida que se praticou, não temos que guardar quaisquer escrúpulos para aqueles que conscientemente e friamente a ordenaram e a praticaram.

Se não houve mais que uma vítima não foi, por certo, porque os autores da proeza se preocupearam em a evitar. Foi porque o fazem nos protegues.

Não sabemos o que fará o governo, mas sabemos que toda a gente de bem dessa cidade não só repele a sua solidariedade com os autores de tal crime, como manifesta a mais funda repulsa pelo trágico e sangrento sucesso.

Desde ha dias que em Faro corriam insistentes boatos de revolução. Não era segredo para ninguém que na casa de uma hora da Rua Seo, na casa de um conhecido advogado de Faro e no posto de telegrafia sem fios se realizavam conferencias entre os vários chefes democráticos, bonzos e ganhos do distrito com os membros do comité que estava encarregado de coordenar e dirigir os vários elementos revolucionários da província.

As muitas pessoas amigas da liberdade extranhavam a liberdade e o pouco recato com que esses indivíduos se entregavam aos preparativos da revolução.

No manhã de sexta feira, depois da chegada do comboio correio, em que o Diário de Lisboa noticiava a revolução do Porto, soube-se que tinha vindo uma proclamação do comité ferroviário ordenando a greve geral, que foi logo aprovada, deixando de funcionar todo o serviço de comboios. A chegada desse comboio estava na gare como representante do comité revolucionário os sr. dr. Victor da Fonseca, dr. Manoel Pedro Guerreiro e professor Arthur Neves, os quais levantaram vidas à revolução.

A guarda republicana tomou em seguida cerca da estação: O comando do destacamento que tinha no interior da Gare Real e o sr. capitão Eduardo Santos que

foi, no entanto, entregue ao tenente sr. Catarino.

As razões dessa troca e como ela foi feita, estão a averiguar-se, visto que os efeitos já hoje são bem conhecidos.

O comité conseruou-se na estação ordenando as ligações com Vila Real e Tavira, para organização do comboio revolucionário que devia conduzir as tropas.

Depois ordenou que se queimassem treze morteiros para dar à canhoneira o sinal de que o movimento principiava. Os morteiros foram queimados pelo fiscal da limpeza da câmara sr. Manoel Carmona. A Bengo içou a bandeira de revolta como sinal de perfeito entendimento, disparando três tiros de pega.

Pouco depois o automóvel do sr. dr. Victor da Fonseca, conduzindo aquele sr., o tenente da armada sr. Sebastião Costa, o sr. dr. Manoel Pedro Guerreiro e o sr. Artur Neves, atravessava a cidade e dirigia-se para a marinha do sr. Coelho, onde aqueles sr. tomaram um barco que os conduziu a bordo da Bengo. A canhoneira imediatamente içou a sinal de comité a bordo.

Entretanto, as autoridades militares principiavam a tomar as providências que todas estas manobras exigiam. A primeira das providências foi a ocupação por tropas de várias estações do caminho de ferro, tropas que alaram conduzidas em automóveis e camionetes.

No governo civil recebia-se a comunicação de que a suspensão de garantias havia sido decretada para todo o país e em virtude disso a cidade era entregue ao comandante militar sr. coronel Ezequiel David, que imediatamente mandou fazer e fixar os competentes editais, mandando também distribuir forças pelos pontos estratégicos da cidade.

De bordo da canhoneira Bengo testaram-se duas baleiras com praças comandadas pelo tenente sr. Sebastião Costa, onde vinham também os restantes membros do comité revolucionário.

Essas baleiras dirigiram-se para os lados da estação do caminho de ferro, atirando uma na cava e outra nas salinas do sr. Coelho.

Os marinheiros que desembaram na Cava, vendo que na estação estava armada pelo sr. coronel de Caçadores 4, uma meia-tropa, obrigaram os soldados e o sr. capitão Soares, que foi preso, a acompanhá-los.

Esta lagaçãia deu origem à contra-criação dos revolucionários com a guarda republicana que ali estava sob o comando do sr. tenente Catarino.

Dali seguiram os revolucionários e os soldados da guarda republicana para o quartel desta, levando a frente o tenente de marinha sr. Sebastião Costa, de gabardine e carabina ao homem, o sr. dr. Manoel Pedro Guerreiro e vários civis, que entusiasmisticamente davam vivas à revolução, à liberdade e à constituição.

Onegados ao quartel da guarda, depois de falar com as praças, muitas destas os acompanharam para o quartel general das tropas revoltadas, que estava estabelecido no posto de telegrafia sem fios, da direcção do sr. tenente Sebastião Costa.

Logo que as tropas ali se reuniram com as de Tavira, apareceu

foi logo investido nas funções de parlamentario para ir ao comando militar expor os fins políticos dos revolucionários e indagar se as tropas ficassem aderiam ou não à revolução.

Nessa missão, o sr. capitão Eduardo Santos, que comandava a secção da guarda fiscal, era acompanhado pelo seu imediato naquela guarda, o sr. tenente Filipe Barros.

No comando militar o sr. capitão Santos declarou que os intuições dos revolucionários eram estabelecer no país a normalidade constitucional. O comando militar declarou que estava ao lado do governo e que enquanto houvesse ofícias e praças dentro do quartel não deixaria que os revolucionários lá entrassem.

O sr. capitão Santos depois de responder, consta que se comprometeu a não atacar o quartel desde que dali não atacassem os revoltosos e saíram a dar conta da sua missão, não voltando mais a aparecer em caçadores 4.

Cabe aqui explicar que as tropas ficassem ao governo que existiam no quartel, depois dos contingentes expedidos para diversas estações, eram uma força tão insignificante que não dariam, se não fôr a sua bravura, para essa forma de reza. Foi essa, segundo nos parece, a razão pela qual as tropas revoltosas não foram atacadas no seu desembarque do comboio.

Eram 9 horas e meia quando de bordo da canhoneira Bengo devido à incidência dos hilóforos sobre o quartel, rompeu para ali o fogo, mantendo-se por intervalos perto das três horas da manhã e tendo disparado 61 tiros.

De Santo António do Alto desceram as tropas revolucionárias que tinham vindo de Vila Real e Tavira pelas encostas que terminam perto da linha ferrea, fazendo descargas contra o quartel e imo colocar-se na Horta da Areia, que pertence à Câmara Municipal, onde esvaziaram os tanques para se resguardarem e noutros pontos estratégicos dos arredores.

Dali fizeram fogo com a metralhadora apreendida no caminho de ferro e conservaram uma nutrida usilária até que as regas de caçadores 4, das posições que logo já começaram a enxotar, impedindo os que chegaram ao quartel, mesmo sob a proteção do fogo de bordo.

Ao mesmo tempo, os marinheiros que tinham desembarcado na Cava, vendo que na estação estava armada pelo sr. coronel de Caçadores 4, uma meia-tropa, obrigaram os soldados e o sr. capitão Soares, que foi preso, a acompanhá-los.

Esta lagaçãia deu origem à contra-criação dos revolucionários com a guarda republicana que ali estava sob o comando do sr. tenente Catarino.

Dali seguiram os revolucionários e os soldados da guarda republicana para o quartel desta, levando a frente o tenente de marinha sr. Sebastião Costa, de gabardine e carabina ao homem, o sr. dr. Manoel Pedro Guerreiro e vários civis, que entusiasmisticamente davam vivas à revolução, à liberdade e à constituição.

Onegados ao quartel da guarda, depois de falar com as praças, muitas destas os acompanharam para o quartel general das tropas revoltadas, que estava estabelecido no posto de telegrafia sem fios, da direcção do sr. tenente Sebastião Costa.

Logo que as tropas ali se reuniram com as de Tavira, apareceu

Em Olhão o comboio parou também, mas ali não tomou qualquer pessoal seguindo pouco depois, caiu telosamente até ao antigo apeadeiro da Garganta onde os revolucionários desembarcaram sem que fossem incomodados. De Faro vieram curiosos acudindo para ver as tropas revolucionárias que foram desembarcando e seguindo para Santo António do Alto, avassalando as propriedades que pelo sul circundam aquela posição.

Eram seis horas da tarde de sexta feira quando as tropas saíram em Santo António do Alto.

### Em Tavira

O comité de Tavira era composto dos sr. dr. Frederico Chagas, Zacarias Guerreiro e Francisco Entrudo, todos do partido democrático local.

A tarde apareceu ali o tenente da marinha sr. Prestes Salgueiro, já acompanhado com aqueles sr. e com dois oficiais cujos nomes não podemos obter e, sem resistência entrou no quartel onde lhe foi entregue a chave do deposito de material de guerra e os sargentos e soldados que os quizeram acompanhar.

### Notas

Na ação contra os revolucionários há a destacar os tenentes sr. Manoel Caetano de Souza e Francisco Dentinho, aquele no ataque aos revoltosos pelo lado da linha ferrea e este na defesa do edifício dos correios e telegrafos.

O tenente sr. Manoel Caetano de Souza, de carabina na mão dando o exemplo de avanço aos soldados do seu comando, mostrou a maior autenticidade bravura.

O tenente sr. Dentinho sofreu o assalto de uma força composta de marinheiros gofadas republicanos e civis, que pretendiam apoderar-se do edifício do correio a tiros e a bombas, tendo repelido os assaltantes com o maior sangue frio e valentia.

Esse assalto foi presenciado por nós porque se deu em frente da nossa redacção.

A canhoneira Bengo era dominada pelo sr. tenente de marinha Fernandes Costa, que foi um dos mais entusiastas revolucionários.

Depois da derrota foi a bordo o sr. tenente Joaquim Uva para saber se os oficiais revoltosos que ali estavam, que eram o comandante e o sr. Prestes Salgueiro se rendiam. Aqueles oficiais declararam que saíram com o navio para Lisboa, onde se iam entregar.

A cauteira, logo de manhã, apesar de saberem que a barra não tinha água que lhe desse sanha, levou imediatamente para a canhoneira, que só permaneceu 5 horas pondo a bordo.

Sabe-se agora que a canhoneira Bengo era dominada pelo sr. tenente de marinha Fernandes Costa, que foi um dos mais entusiastas revolucionários.

Foi dada ordem ao sr. coronel Sende Lemos, comandante de infantaria 4, de Tavira, para ali ir prender aqueles oficiais.

O sr. tenente Francisco Ribeiro (Patarrôa) da ação da guarda republicana de Vila Real de Santo António, que tão importante ação teve no movimento, desapareceu, abandonando as praças do seu comando, sem que até agora se saiba do seu paradeiro.

Os sr. drs. Victor da Fonseca e Manoel Pedro Guerreiro foram presos no chalet do sr. Paulo Pinho, na estrada de Olhão.

O sr. Joaquim Uva, comandante do «Lidador», tendo sabido da tentativa revolucionária, mandou tirar as culatas de todas as ar-

mas de bordo e colocou-as dentro de uma caixa de papelão que tinha no seu camarote. Quando os revoltosos já depois de preso o sr. Uva, foram buscar as munições e as armas, procuraram afanadamente por todo o navio as culatas das armas sem nunca se lembrarem de revistar a caixa de cartão onde elas estavam guardadas, tendo de retirar-se apenas com as munições.

Em Lagos, no regimento do 15 logo que houve notícia da revolta, ofereceram-se para auxiliar as tropas ficas e partiram para Portimão 80 praças com os respectivos oficiais, quando seguiram para Faro em dois grandes camions mobilizados à Casa Fidalho.

Essas tropas iam mandando notícias telegráficas à maneira que atravessavam as vilas do percurso. Como, porém, depois de Lagôa, essas notícias faltasse, saíram de Faro em automóveis vários serviços que foram estabelecendo ligações desde Albufeira.

Pelas 5 horas da manhã as tropas de Lagos chegaram a Faro, acampando no vasto campo de foot-ball da Senhora da Saúde, não tendo que combater, pois a essa hora já os revoltosos que não haviam fugido começavam a ser presos.

(Lista das pessoas obtida até às 21 horas de sábado).

### Última hora

Encontram-se já presos em Tavira os sr. dr. Frederico Chagas e Francisco Entrudo, ambos do comité, Joaquim Pires Cruz, ex-sargento Barradas, sargento Salvador e o dono da sapataria Pereira.

O sr. João José Ferreira Pereira, que tomou parte activa na revolução, tendo exclusivamente cortado todas as linhas telegráficas de Tavira, não foi preso, assim como o membro do comité sr. dr. Zacarias Guerreiro.

A bordo da Bengo também seguiu o tenente de infantaria 4, sr. Costa Pereira.

O «Lidador» foi para Vila Real de Santo António para combinar para este porto a Bengo que ali se acha fundead.

Os oficiais que se encontravam a bordo, abandonaram a Bengo refugiando-se em Espanha.

O sr. tenente Francisco Ribeiro evadiu-se para Espanha.

Procurava activamente o sr. tenente Sebastião Costa.

### Recuperações

Dizem os mal informados, que as tropas ficas ao governo não haviam atacado os revoltosos de Tavira e Vila Real no seu desembarque do comboio revolucionário por que, em virtude dos consignes destacadados para diversas estações do caminho de ferro, o seu reduzido numero lhes não permitiu esse ataque. Temos que reafirmar que ao constar no quartel de caçadores 4 esse desembarque, saiu dali uma força de 28 praças sob o comando do sr. capitão Pinto em direcção ao apeadeiro da Garganta mas quando ali chegou já os revoltosos haviam desembarcado e estavam acampados em Santo António do Alto.

O sr. tenente Leote tinha também sido encarregado de fazer parar o comboio com os amigos Vermelhos, mas também já não chegou a tempo, pois, como bem se comprehende, os revoltosos tinham por todos os meios evitado que se soubesse a chegada da Bengo.

Além claramente nos referiu o sr. capitão Eduardo Ribeiro

## NOTICIAS DO DIA 7

Pelo serviço telegráfico daí dias, agora confirmados pelos jornais de Lisboa, sabia-se que o movimento revolucionário também ocorria em Guimarães, Figueira da Foz, e Vila Real de Trás os Montes, onde não revestiu a gravidade dos de Faro e Portimão, porquanto foram prontamente julgados.

No Porto, os combates e duelos de artilharia, foram caracterizados por grandes violências.

## Prisões

Efectuaram-se mais as seguintes prisões: ex marinheiro Albino, vulgarmente conhecido pelo 18, Armando Luiz Veiga, Francisco Pessôa, Alexandrino Ramos Cachola, José Simões Pinto 1º sargento de Infantaria 4, Domingos Alves, 2º sargento do Regimento de Telegrafistas, Salvador Santos Ribeiro, 3 marinheiros da Bengo e 2 primeiros cabos músicos de Infantaria 4.

O preso sr. Francisco António Ribeiro, foi restituído à liberdade, por ordem do Comando Militar, por se ter provado que veio a esta cidade a pedido do sr. dr. Carlos Fazenda, que se encontra doente, para lhe levar notícias das acontecimentos.

No entanto encontrava-se em liberdade condicional até apuramento das responsabilidades.

## NOTICIAS DO DIA 8

A's 13.30 de hontem os empregados da Central telegráfica de Lisboa, comunicaram particularmente para os seus colegas de Faro, que se estava preparando um atentado aquela reparaçao e que por um sinal que combinaram, lhes participariam o caso logo que ele tivesse lugar.

Efectivamente, uma hora depois, recebia-se em Faro o sinal combinado e a seguir, uma comunicação do comité revolucionário representado pelo sub-inspetor Manuel Aleixo Vidal de que havia tomado conta dos serviços telegráficos da capital.

Durante algum tempo esteve suspenso o serviço entre a estação desta cidade e a de Lisboa que recomeçou perto das 16 horas, no intuito de, pelo andamento do serviço que viesse de Lisboa, se avaliar o que ali se passava e tentar diplomaticamente obter dados precisos dos empregados que ali estivessem ao aparelho, o que facilmente se conseguiu visto os revolucionários que ali se encontravam a mandar eram apenas quatro.

O restante pessoal, ali preso, era contrário à revolta e foi dando elementos que muito auxiliaram a confiança que desde o inicio havia na vitória das forças legais.

Os revoltosos passaram comunicações telegráficas pedindo a ade-

mo sr. tenente Filipe Barros, seu imediato no comando da comuna da guarda fiscal desta cidadela.

A guarda fiscal, que nos constituiu, não se envolveu por qualquer forma no movimento revolucionário e o sr. Filipe Barros acompanhou apenas o capitão Eduardo Santos, quando este como parlamentar, esteve conferenciando com os revolucionários, no respeitivo campo, para se desimpedir da massa que acalava.

Para garantia de que fizemos a nossa reportagem com toda a imparcialidade, declaramos que publicaremos todas as rectificações que nos sejam enviadas pelas pessoas cujos nomes nela figurarem, no mesmo por qualquer pessoa da família dos que não possam dirigir-nos.

Recebemos a seguinte carta:

Faro 8 de Fevereiro de 1927.

Sr. Director d'O Algarve

Pedia-lhe a finesa desmentir a noticia do seu jornal O Algarve, aonde diz que os foguetes foram queimados pelo fiscal da Imprensa Manoel Carmona, como é mentira por isso eu peso para desmentir da forma que melhor entendo.

Sou republicano e tenho muita honra em o ser, se fosse eu que queimasse os foguetes também o dizeria que fui eu que como é mentira peço para desmentir.

Manoel Carmona

UMA PRISÃO  
SENSACIONAL.

O sr. tenente Sebastião Costa é encontrado na "Torre", em casa do sr. Drago Madeira por 4 sargentos de Caçadores 4.

Por ordem do Comando Militar seguiram ontem cerca das 14 horas os 1º sargentos srs. António Augusto Pires, Cunha, 2º sargento Alberto Marques da Silva e 2º sargento musical Fontes, para Moncarapacho, no automóvel do sr. Crispim, guiado pelo chefe de Cavalaria, afim de pôr o referido automóvel à disposição do 1º tenente sr. Sebastião Costa, que constava encontrar-se no sítio do Cabego, próprio do sr. Eduardo Soares, denominada Sazal, para nele regressar e apresentar-se no Comando Militar desta cidade.

Uma vez ali, acompanhados da autoridade civil de Moncarapacho, regedor sr. António Enseada da Porta, visitaram a residência da qual ao sr. Sebastião Costa. Ali foi negada a sua entrada.

De facto, visitada a casa não se encontrou, chegando mesmo, a mulher do casal, a negar que aquele sr. ali vivesse, estando, mas às instâncias feitas, calou em várias contradições, confessando depois que o senhor sr. Costa estava refugiado na referida propriedade desde a manhã do dia 6 até hoje de manhã.

Também se conseguiu saber que o mesmo Geral dormiu todas as noites na casa do Sazal, saído de manhã cedo, dizendo sempre que se ia para Espanha.

Durante a sua permanência ali, foi visitado pelo sr. Soares, seu sogro, que lá se manteve todo o dia e parte de 7.

No dia 7 à noite havia saído de Faro, devidamente autorizada, a esposa do tenente Costa, com destino à Vila Real de Santo António, para o que se utilizou do automóvel do sr. Gaspar, n'um de lo etá senhor passado de sua propriedade, e não comunicando o chefe de Cavalaria.

Após este diálogo, começaram os preparativos para o regresso a Faro, ingressando ontem os amigos compatriotas da casa do sr. Drago, que geralmente instava para que tomasssem café, oferta que aceitaram, dada a amabilidade dos donos da casa, tendo o sr. tenente Costa permanecido sempre na mesma sala onde nos encontravam.

A nossa viagem de regresso foi feita sem incidentes, tendo durante o percurso o sr. Sebastião Costa tacado elogios à ação de resistência de Cavalaria 4.

Chegou à noite quartel de Cavalaria 4, encontraram á porta o oficial de serviço sr. Capitão Leal pollo, a quem o tenente sr. Costa se dirigiu e fez a sua apresentação, depois de ter entrado num dos quartos destinados a prisão de oficiais.

Disse-nos o sargento sr. Pires que o sr. Sebastião Costa, se mostrou muito surpreendido com a descoberta do seu refúgio.

— Se o criado me pode ter denunciado, disse ele, ao que redargui que o homem quis resistir aos interrogatórios e resistiu algum tempo, mas por fim teve de infarcto.

— Diga-me sr. Pires. Que tal achou a morte do chefe revolucionário?

— Estava sereno ou parecia estar. Quando eu me apresentei com o respeito que costumo usar para com os meus superiores o sr. tenente Costa não chegou a perceber bem a minha altitude e tomou um aspecto alacrano e rígido, como se pretendesse assustar-me.

— E conservava sempre essa atitude?

— Não. Depois foi descedido de sua atitude permitiu até uma conversa muito cordial que por agora não quero referir.

— Referia-se o sr. tenente Costa à possibilidade de que os revolucionários poderiam manter o fogo contra as tropas fiéis?

— Sim. Disse-lhe que a Bengo, ainda tinha a bordo muitas munições e podia prolongar o fogo por muitas horas.

— E, diga-me, mostrou-se penalizado por não ter podido fugir para Espanha?

— Muito. Receia que o não julguem por um tribunal militar, onde possa livremente expor as determinações da sua ação revolucionária, porque não concorda que a nação seja governada por uma ditadura militar que corresponde ao governo de um partido.

— A sua missão que teve tão brilhante êxito não deve ter sido muito fácil.

— As dificuldades não foram grandes, tanto mais que os meus compatriotas com toda a boa vontade e dedicação me auxiliaram.

— Depois, deixe-me confessar, a diligência era muito interessante visto que tendo eu entregado ao comando militar os outros dirigentes do movimento tinha interesse em lhes apresentar vivo e só nisto este.

— Euvi frio e alguma fome mas o bom ato do cumprimento das ordens que os homens comuns devem cumprir nos fizeram faltar.

## NOTICIAS DE HOJE

O «Patrão Lopes» trouxe para Vila Real de Santo António a nova tripulação para substituir a da Bengo, tendo depois regressado a Lisboa, levando a bordo a antiga guarda desta canhoneira debaixo de prisão.

A Bengo veio para esta cidade, onde já se encontra fundada, sob o comando do tenente sr. Joaquim Uva.

Consta-nos que o tenente da G. N. R. Sr. Francisco Ribeiro se refugia na propriedade do sr. Ramirez, em Espanha, denominada Casalinho, cerca de Ayamonte.

A Central Telegráfica de Lisboa, em virtude do assalto dos revolucionários e da expulsão dos mesmos pelas tropas do governo, tem variado comunicações escritas, Faro não comunicando directamente com Lisboa mas está ligada com Évora, Beja e Setúbal, donde recebe notícias dos revolucionários.

## NOTAS

Os empregados na Central de Lisboa por motivo do tiroteio e da má situação daquela repartição em ocasiões destas, vinham esforçados a passar o serviço no intervalo das descargas, para não serem atingidos pelas rajadas da fuzilaria, refugiando-se no quando em quando atrás das colunas daquela estação.

Foi preso José Silvestre Cavaco, parte de Inf. 15, chegada ontem à noite retirou esta manhã para Lagos, por ter sido considerada desrespeitosa.

Consta-nos que o 1º tenente Fernando Costa no aliciamento das pregações do seu comando, lhes garantia que a ditadura havia decretado a morte e que tanto ele como alguns marinheiros estavam já condenados à morte.

O capitão Eduardo Soares, devido ao exame médico, no Hospital militar de Tavira, onde seguia debaixo de custódia acompanhado pelo capitão Soares.

## ULTIMA HORA

Acabam de nos ser comunicadas por via segura as seguintes: NOTICIAS de sensação:

Coronel Freire, antigo ministro da guerra, suicidou-se por causa do insucesso da revolução no Porto.

Comandante Jayme de Moraes, antigo governador colonial, teve o mesmo gesto e pelo mesmo motivo.

O dr. José Domingues dos Santos, chefe do partido da esquerda democrática, morreu por ocasião de ataque das tropas fiéis aos revoltosos do Porto.

O Comandante Agatão Lança foi mortalmente ferido em Lisboa no combate com as tropas do Benente Coronel Jayme Baptista.

## CAMARA MUNICIPAL DE FARO

Inquérito administrativo de um de vio da actual linha do Sul entre a estação de Beliche-mo e Almancil, passando por Loulé

Para cumprimento da portaria de 3 de Dezembro de 1926, publicada no Diário do Governo n.º 290, 2.ª série, de 11 meses e anos, acha-se aberto um inquérito administrativo à utilidade pública da conservação de um desvio da actual linha entre a estação de Beliche-mo e Almancil, passando por Loulé.

Nos termos e para o efeito do decreto de 6 de Outubro de 1926, convocadas as interessações a examinar na Secretaria desta Municipalidade no dia 15 de fevereiro de 1927, das 11 à 17 horas, o traçado do referido desvio, e bem assim as alterações oportunas sobre o mesmo, aprovadas e Direcção dos Caminhos de Ferro, a 31 de Julho de 1926, e Constituição.

Deverá ser cumprido o que o presente edital estabelece, publicado no Diário do Governo n.º 290, 2.ª série, de 11 meses e anos, acha-se aberto um inquérito administrativo à utilidade pública da conservação de um desvio da actual linha entre a estação de Beliche-mo e Almancil, passando por Loulé.

Faro, 1.º de Fevereiro de 1927.

O vogal da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Faro

Misterios da Praia da Rocha  
Por Marcos Algarve

30 páginas de arte e de crítica independente. A vida portuguesa estudada sob todos os seus aspectos. Um irreverente livro de prosa. Edição magnífica. Preço 12\$00, 1ª venda na Parceria Pereira, rua Augusta, 54, Lisboa, na Livraria Capela, Faro, e nas melhores livrarias do país.

## Broche

Com peças perdidas no domingo passado (30 de Janeiro), no Círculo (casacote n.º 8), ou no giorno stesso a sua Berpa Pinto 67 - Faro.

Quem entrar neste prédio receberá boas alvocas.

## Braga

TRESPASSA SE situada na rua das 12 e 14, Quem pretende dirijir-se a Funchal e R. Machado - FARO.

## Casa

Vende-se uma composta de altos e baixos sita na rua Infante D. Henrique n.º 200/202.

Informações: fones: da sua Generalíssimo Ribeiro n.º 5557.